

Tumor Maligno

Raul Pilla

POR longos anos esteve a República Argentina sob um regime infame, que oprimiu a nação, arruinou a economia do país, dilapidou o tesouro, corrompeu os costumes. Uma revolução pôs termo à odiosa tirania e estabeleceu um governo honesto, que está procurando restaurar o devastado país, outrora dos mais prósperos do planeta.

Quem se poderia opôr à ação saneadora? Quem poderia desejar o regresso ao ominoso regime? Ninguém razoavelmente, a não ser os que pessoalmente o exploraram. Pois o peronismo — como o nazismo e o fascismo, sistema de exploração de um povo — continua vivo, apesar de apeado do poder e expostas à luz do sol as suas chagas, continua vivo e a causar dificuldades à regeneração do país. Dir-se-ia que nenhuma impressão causou na consciência pública a tremenda série de crimes praticados pela ditadura argentina. É que, se uma desgraça para a coletividade foi a ditadura peronista, para muita gente foi ela o poder, a riqueza, a libertinagem. Isto sem falar na cegueira da massa, pervertida por sistemática demagogia e que, por isto, via o salvador no homem que a degradava.

Nós, os brasileiros, temos já experiência do que está ocorrendo na República Argentina. Precedemos este país no flagelo da ditadura pessoal, precedemo-lo no conhecimento da resistência que os mitos por ela criados oferecem depois da queda. Neste ano expirante de 1956, o de 1937 ainda projeta as suas sombras. Tivemos, é certo, 1945, tivemos 1954, mas os tentáculos da ditadura deposta permaneceram e ameaçam agora afogar-nos. Bem podemos avaliar as dificuldades e preocupações dos democratas argentinos.